

Design

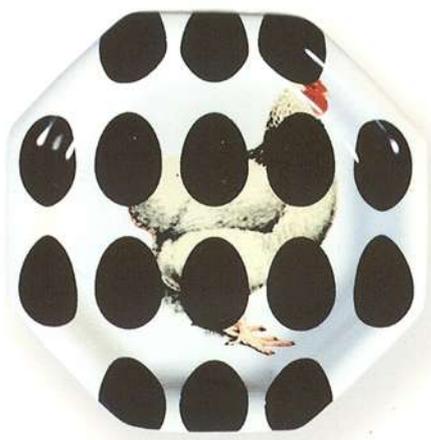
A FORMA SEGUE A EMOÇÃO

TRIMESTRAL € 6,00 PORTUGAL-CONT.

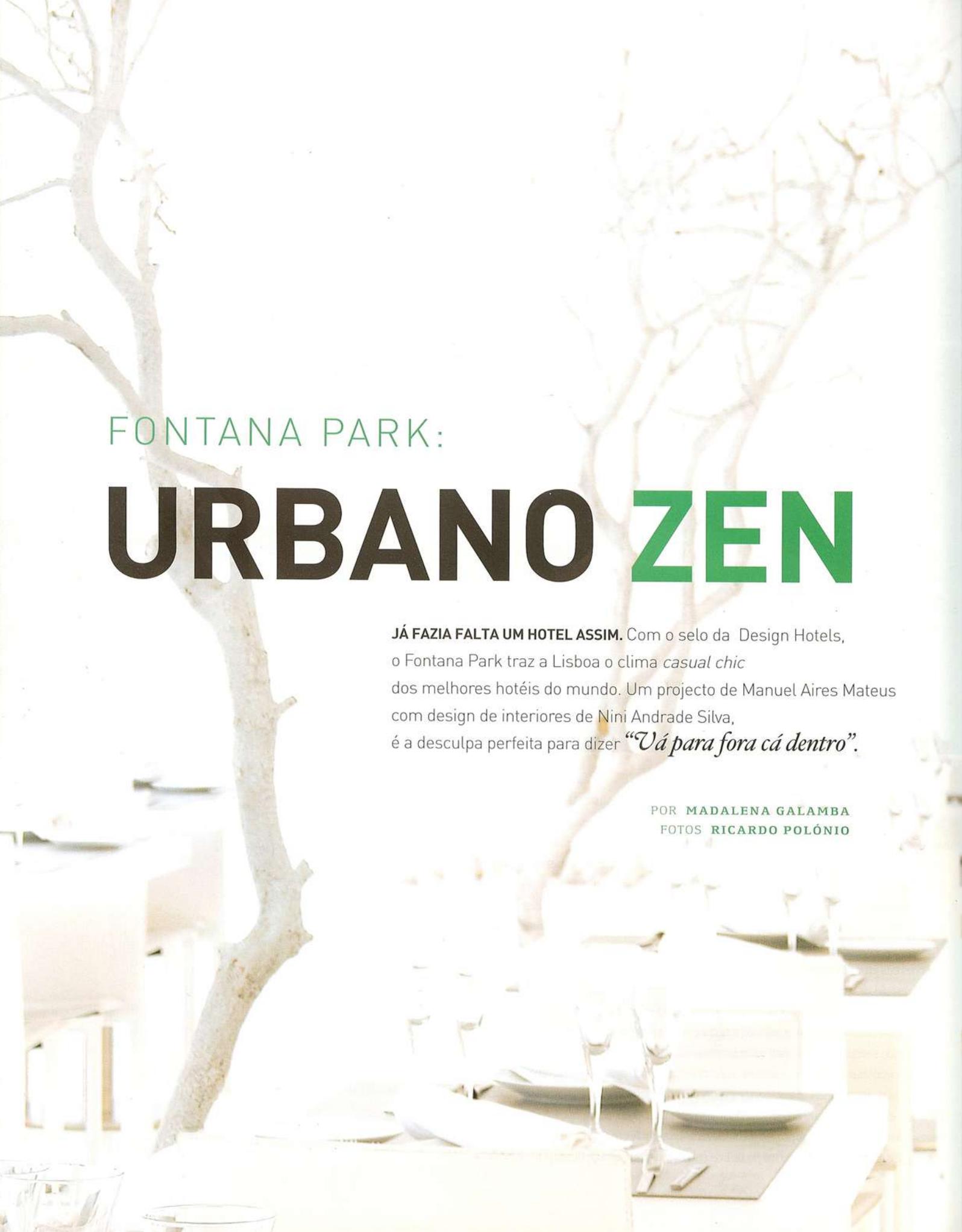
5B



2008



by MARCEL WANDERS



FONTANA PARK:

URBANO ZEN

JÁ FAZIA FALTA UM HOTEL ASSIM. Com o selo da Design Hotels, o Fontana Park traz a Lisboa o clima *casual chic* dos melhores hotéis do mundo. Um projecto de Manuel Aires Mateus com design de interiores de Nini Andrade Silva, é a desculpa perfeita para dizer “*Vá para fora cá dentro*”.

POR MADALENA GALAMBA
FOTOS RICARDO POLÓNIO





“NO FONTANA PARK, SER *COOL* É SER EQUILIBRADO.

E isso começa na fachada, restaurada de maneira a sintetizar o passado industrial

do lugar e o seu presente hoteleiro ”

FRANQUEADAS AS PORTAS DO FONTANA PARK HOTEL e poderíamos estar em qualquer metrópole do mundo. Mas estamos numa das sete colinas de Lisboa, entre o Saldanha e o Liceu Camões, mesmo em frente ao Mercado 31 de Janeiro, numa zona movimentada da cidade a que se convencionou chamar “o centro de negócios” da capital. O Fontana Park orgulha-se de ser – com o hotel Jerónimos 8, em Belém, inaugurado quase em simultâneo – o primeiro “design hotel” da capital. Quer isto dizer que é um lugar onde tudo, da concepção do espaço à farda – e atitude – do *staff*, foi “desenhado”? Provavelmente sim. Porque o que sentimos aqui – como num “design hotel” de Milão, Berlim ou Londres – é que estamos, acima de tudo, e independentemente da estética e do estilo, num lugar onde tudo foi criteriosamente pensado – desenhado – para transmitir um ar distinto, uma identidade própria, e sobretudo, *cool*.

No Fontana Park, ser *cool* é ser equilibrado. E isso começa na fachada, restaurada de maneira a sintetizar o passado industrial do lugar (um edifício de 1909, que albergava uma metalúrgica onde os operários também pernoitavam) e o seu presente hoteleiro. A fachada não é transparente, também não é opaca. Mantém a privacidade que se quer, mas é suficientemente permeável para convidar a entrar. A dança entre o público e o privado de que é feito qualquer hotel começa a adivinhar-se. Depois, espaço. Muito espaço. No interior, um pé-direito de perder a vista (e a cabeça), linhas rectas, cinzas e brancos, o esqueleto industrial a recordar-nos o passado sem pesar. Um tapete verde corre paralelo ao balcão da recepção (que se quer perceptível e discreto) como uma *passerelle* informal para convidados ilustres (todos), e conduz-nos às áreas comuns (o restaurante japonês Bonsai, o bar, e, imediatamente a seguir, o jardim). O tapete é também o primeiro indicador de que os interiores do Fontana Park, um hotel urbano com um passado fabril, remetem para a natureza.







Como um trilho verde no meio de seixos cinzentos (reproduzidos em grandes imagens nas paredes do bar), é uma evocação *zen* num lugar onde o equilíbrio de elementos, propositado ou não, se faz notar. No restaurante japonês, no bar iluminado por clarabóias amplas e no jardim, sucede-se a mistura de elementos: sofás de bambu, um magnífico *bonsai* colocado num "pedestal", tons púrpura, uma cortina de malha de aço, e em breve uma cascata a cair, em linha recta, na parede do jardim.

PARA A AUTORA DO PROJECTO DE INTERIORES, Nini Andrade Silva,

o tom do espaço pode considerar-se *zen*, mas, ressalva, "isso é um estado de espírito e depende de cada um". "O Fontana é um espaço com alma", conclui. Nini Andrade Silva considera que o equilíbrio conseguido no hotel é fruto do seu espírito cosmopolita: "Sou cidadã do mundo, mas nunca esqueço as raízes dos locais onde os projectos se desenrolam. É mais um projecto no planeta e para isso temos que ser diferentes de tudo. É um espaço simples e equilibrado." O maior desafio é sempre "tentar estar à frente do nosso tempo".

O hotel tem sete andares, 137 quartos, duas suites, nove salas polivalentes (conferências, banquetes) e dois restaurantes (o japonês, e o Saldanha Mar, especializado em gastronomia tradicional portuguesa, com acesso directo a partir do exterior). Numa unidade desta dimensão, o espaço dedicado às áreas de circulação é fundamental, algo que só se consegue manter com um entendimento entre arquitecto e designer de interiores. Nesse sentido, para Nini Andrade Silva, a colaboração com Manuel Aires Mateus "correu muito bem, pois partilhamos dos mesmos princípios, noção de espaço e concepção. Quando ali entrei, senti que podia criar um espaço diferente, havia muita coisa a fazer para criar este resultado. Às vezes torna-se difícil criar espaços simples e depurados, pois não há lugar para imperfeições". Num lugar com tanto espaço, o mais fácil seria entregar-se ao desperdício. Mas é exactamente o contrário que acontece. O Fontana Park é um espaço "visualmente calmo", feito de elementos simples, reduzido ao essencial. Algumas peças, como a mesa feita de uma raiz de madeira, no restaurante Saldanha Mar (onde todos os elementos são brancos), ou o *bonsai* do restaurante japonês, ou as cortinas de malha de aço que separam as áreas sociais destacam-se, mas o conjunto é muito uniforme e sereno.

NOS QUARTOS, o luxo está sobretudo no despojo e na transparência, despida de elementos desnecessários e obstrutivos. Todos os quartos, dos mais simples (Fontana) às suites no último andar (com direito a varanda e uma espectacular vista que alcança o Castelo e a Graça), apresentam as mesmas linhas rectas, as cabeceiras de betão, as camas brancas e as casas de banho *hi-tech* (integradas no resto do quarto, ou separadas apenas por uma parede de vidro negro, semitransparente). O Fontana Park espera vir a ser certificado em termos de ambiente, qualidade e segurança alimentar. Para já, caminha para o estatuto de "edifício verde" no que respeita à poupança de energia e equipamentos instalados (sendo todos os produtos químicos consumidos no hotel biodegradáveis).

NO VERÃO, está previsto que esteja a funcionar um bar no terraço do hotel, para desfrutar a vista soberba sobre a cidade, e no futuro o hotel expandir-se-á para o edifício adjacente, onde será criado um Spa/Health Club para além de sete apartamentos privados. Aí, o Fontana Park será um *urban resort* em pleno, com ainda mais espaço para a perfeição. ★